

#56 Iluminação da Sabedoria Primordial 1 – RI 2020

Lama Padma Samten

<inserir o local e a data>

<https://www.acaoparamita.com.br/programa-de-treinamento-em-21-itens/> - #56

Este é um material transcrito a partir de ensinamentos orais de Lama Padma Samten. Ele é usado exclusivamente para apoiar os estudos e práticas dentro da sanga, pedimos não reproduzir em outros sites. O material está em constante revisão e melhoria; quaisquer erros encontrados são devidos às limitações das pessoas envolvidas na transcrição e na edição, e serão corrigidos assim que possível.

Caso tenha contribuições para melhorar esta transcrição, entre em contato pelo email repositorio.transcricoes@gmail.com.

Tabela de conteúdos

- [Iluminação da Sabedoria Primordial 1](#)
 - [Contexto das práticas preliminares](#)

Iluminação da Sabedoria Primordial 1

Contexto das práticas preliminares

Dentro do programa de vinte e um itens nós seguimos essencialmente o texto Iluminação da Sabedoria Primordial. No formato como Gyatrul Rinpoche oferece, pelo menos com aquelas secções. Então estaríamos na parte primeira. Essa parte primeira é como se fossem os ensinamentos preliminares. Eu não acho que os ensinamentos preliminares sejam efetivamente preliminares, porque isso depende do olho que a gente olha aquilo. Mas, por exemplo, dentro do formato dos ensinamentos que a linhagem Nyingma oferece, como Chagdud Rinpoche oferece, nesse ponto essa parte preliminar seria como em tibetano chamaríamos isso de Ngöndro, a parte preliminar. Então, essa parte preliminar é uma parte preparatória. Eu acho que como o Ngöndro se estabelece, no formato que ele se estabelece dentro do Tibete, as pessoas estão imersas num tipo de cultura e aí elas recebem um pedacinho assim, e aquilo é suficiente. Porque elas já receberam tudo por dentro da cultura. É como no início, como a gente aqui no CEBB iniciou pelo Zen, eu me dei conta disso também. Porque quando as pessoas recebiam os ensinamentos do Zen, elas não estavam preparadas para ouvir aquilo, elas não tinham como ouvir. Porque quando elas ouviam, elas estavam fora do contexto cultural, e portanto humano, e portanto mental e emocional, fora do significado que aquilo ganharia se estivesse em um outro lugar, que é enfim, o tempo do mestre Dogen ou, de preferência o tempo do mestre Dogen, mas se não o tempo do mestre Dogen, pelo menos o tempo onde esses ensinamentos começaram a ser traduzidos e contemplados. Agora nós vimos que isso se deu através do Bokusan, no século XIX, ou seja, quinhentos anos depois do mestre Dogen aquilo começa a ser retrabalhado dentro de uma perspectiva que se tenta dar significado daquilo dentro de um mundo como ele está colocado. Então, me dei conta disso.

Na época que nós seguíamos pelo Zen, eu via a importância de estudar os textos raiz do Buda. Que não são estudados no Zen. No Zen nós vamos estudar o Shobogenzo, que é alguma coisa que é extraordinária, é incomum, não tem paralelo. Quando eu digo assim, parece que estou exagerando, né? Mas eu não estou dizendo que é mais elevado do que outros ensinamentos. Eu estou dizendo que a forma deles é totalmente incomum. Porque o mestre Dogen fala dentro de uma linguagem que é mais próxima da poesia do que do ensaio, enquanto que os ensinamentos... por exemplo, quando eu estou falando aqui eu estou falando de um modo discursivo, não estou falando de um jeito poético. Eu não estou aqui evocando a mente das pessoas. Não estou colocando elas em lugares onde elas não podem entender, mas depois, se elas seguem praticando, elas entendem. Não estou fazendo isso, eu estou tentando moer tudo e arrumar aquilo tudo e explicar cada pedacinho, essa é uma linguagem feia, eu diria assim. A melhor linguagem, a linguagem mais linda é a linguagem do mestre Dogen. Não tem menor dúvida. Ele diz três coisas e aquelas três coisas significam um universo, e aí cada vez que a pessoa vasculha por ali ela vê mais coisas. Então aquilo é muito extraordinário. Além do mais, o mestre Dogen tem o cuidado, como o Buda no Sutra do Diamante, que diz: ainda que eu fale de montanhas, rios e poeira cósmica e estrelas, etc., nada disso tem um sentido, uso apenas as palavras como palavras. Aí nós ficamos meio assim: como?? Ele fica retirando o significado das palavras. O mestre Dogen já nem dá o significado das palavras, porque ele fala de modo contraditório. Então, não sabe onde que vai pisar. Aquilo tudo, aquelas palavras, não fazem sentido. Quando elas fizerem sentido, aí nós vamos perceber que todas elas operam dentro da estrutura do "é, não é e é". Aquilo tudo. Portanto, a metade da frase ele diz que é, outra metade ele diz que não é e no final ele diz que é. Na mesma frase. Aí tu olha assim... Tu tem que conseguir surfar no meio daquilo e sorrir no meio daquilo. Aí quando tu vai explicar, tu não consegue explicar. Porque para tu explicar tu tem que dividir tudo em pedaços e apresentar aquilo tudo e ainda justificar porque que é, não é e é. E aquilo fica realmente alguma coisa.

Tem esses koans maravilhosos assim, né? Eles são apresentados. Tokuda San dramatizava isso, aquilo era muito bonito, o Tokuda San dramatizando. As palestras do Tokuda, nós temos isso gravado ainda, aquilo está gravado em fita K7, nós podemos transferir isso e parte disso foi digitalizado, parte foi publicado na Bodisatva, numa época. Eu tenho lá uma caixa enorme com as fitas K7 tudo gravadas, isso é um tesouro, né? É um tesouro. A gente tinha que tentar passar isso para mídia digital e usar talvez até o próprio som dele. Mas eu me lembro, teve uma época que eu fazia as transcrições disso. Porque não tinha paralelo, tu não tinha como ouvir. O Tokuda San falando do som dos varias. Aí eu escutei aquilo um número infinito de vezes. Som dos varias. Uau! Mas ele não repetia nem explicava, aquilo era o som dos varias. Aí eu pensei, deve ser uma categoria de ser muito especial, mas na verdade era o som dos vales. Aquilo falando em japonês ficou som dos varias. Quer dizer, não era japonês, mas na forma japonesa, no dialeto do Tokuda San, aquilo era o som dos vales. Muito bonito. Sofri um bocado com aquilo. Então é muito poético, né? Muito poético, muito lindo.

Aí Tokuda contando sobre o Dokusan, ou seja, o encontro do mestre com o aluno. O aluno está vivendo dentro daquele mosteiro aí, de tanto em tanto, o aluno tinha que ter uma entrevista pessoal, individual com o mestre. Então os alunos já ficavam em fila. Um atrás do outro, meditando do lado de fora. E o mestre lá dentro. Aquilo não era muito fácil. Aí o Tokuda explica aquilo. Aí quando chegava diante do mestre ele tinha que explicar o koan. Por exemplo: o cachorro de Joshu. Então ele tinha que começar, tinha que teatralizar aquilo. "Joshu disse ao mestre: O cachorro tem a natureza de Buda? e o mestre respondeu: Mu!" (palavra em japonês). A pergunta toda era assim: "se todos os

seres têm a natureza de Buda, o cachorro tem a natureza de Buda?". E o mestre responde: Mu! "Mu" é negação, então esse é o koan. Se todos os seres têm a natureza de Buda, o cachorro tem a natureza de Buda? Aí o mestre diz: Mu!. Por que que o mestre diz "mu" ao invés de dizer "sim, é óbvio". Aí ele diz "mu!". Aí ele [o aluno] tem que explicar pro mestre por que. Aí ele começa a explicar, o mestre: "você quer me dar aulas?" Manda embora. Aí vai embora. No dia seguinte, novamente, né? Só que antes de ele entrar na sala ele tem que bater o sino defronte, aí entra. Ele já tá trêmulo. O mestre já manda ele embora, já nem entra. Aí o Tokuda disse: eu me dei conta, depois de não sei quanto tempo, que o único papel que o mestre tinha que fazer é negar o que fosse. Ele tinha que negar. Tinha que deixar o outro queimando. O mestre sempre tinha um jeito de mandar o outro embora. Aquilo não dá certo. Por que? Porque as pessoas chegam e querem encontrar uma solução lógica. E esse ponto, na verdade - eu já estou falando aqui, mas fazer o que? - esse koan quando a resposta dele é "mu", porque que ele diz "mu"? Ele diz "mu" porque quem faz a pergunta consolidou a natureza de Buda enquanto uma coisa. Então ele nega. O mestre nega, "mu". Se ele dissesse "sim", aí o outro estaria preso num conceito e a natureza de Buda para ele era uma coisa teórica, ele não tinha aquela experiência, aquilo era uma palavra. Era um conceito. Então essa é a explicação, mas é uma explicação bem complicada. Aí o mestre vai dizer: "mu". Aí o outro também, ele tenta vir com uma explicação sobre a explicação. Aí aquilo nunca dá certo. Então eles têm que ultrapassar essa mente que olha desse modo. O koan tá ali pra aquilo. Essa é a estética, pessoal. A coisa não é fácil. Aí o mestre Dogen fala desse modo: "Aí o velho tronco brotou com flores, e aí tudo se transforma em primavera". Essa é a linguagem do mestre Dogen. Se a iluminação já é inalcançável, a linguagem do mestre Dogen é um passo adiante. Aquilo é muito lindo, maravilhoso.

Estamos nesse ponto. O melhor que nós teríamos a fazer é efetivamente contemplar. Eu acho que esses textos, como Satipatthana, são realmente o caminho direto, Anapanasati que a gente não olhou aqui. Caminho direto. Eu não acho muito fácil dizer que não é o olho que vê. Eu não acho fácil dizer isso. Não acho fácil dizer essas várias coisas, mas se a gente não atravessar essa experiência; muito difícil. E a gente não vai atravessar isso senão contemplando. Quando a gente diz: não é o olho que vê; ou: a visão não está no órgão, a visão não está no olho, isso é super profundo. Isso é um koan também. A visão não está no olho. Todos os seres olham, veem tudo através dos olhos, mas a visão não está no olho. E aí pessoal? Isso é um koan. A pessoa vai precisar sentar e contemplar, vai ter que descobrir o que que é contemplar. Isso também. Ainda que tenha sido explicado não sei quantas vezes, se a pessoa não praticou isso e não olhou o que que é isso, a pessoa se perde de novo, ela fica na porta daquilo e não consegue atravessar. Nós também temos o obstáculo da nossa própria cultura, que é o fato de que nós tentamos explicar tudo de modo causal. A gente se coloca fora explicando tudo, como que as coisas então se correlacionam, sem nenhuma relação conosco. Como é que elas são elas mesmas e como que aquilo tudo vai. Então, nós temos muitas dificuldades. Nós nos colocamos de um modo teórico afastado. A gente não se vê ali dentro.

Quando, por exemplo, no Zen, eles vão trabalhar esse tipo de linguagem, se eles não estudarem, não tiverem o ensinamento todo do Buda que vem antes, a pessoa não consegue entender. Não consegue entender. Essa é a função dos ensinamentos preliminares. No caso do budismo tibetano, é a mesma coisa. Aquilo chega a dar dó, porque o formato tibetano, nós poderíamos dizer que ele também é poético, extraordinário, ele é mágico, ele é um formato assim. Aí tem uma aparência mágica, toda. Se não conseguir atravessar ou significar aquilo de modo adequado, nós começamos a dar um significado definitivo, como brota pela nossa própria cultura. E eventualmente

surge dúvida também, surge obstáculo. Se surgir a dúvida ou surgir a adesão, o problema é o mesmo. Eu tenho que ver aquilo como um método, atravessar aquilo e acessar os aspectos mais profundos. No caso do budismo tibetano, eles estudam, eles fazem as práticas como o Ngöndro, porque eles também percebem: as pessoas dentro dessa cultura, para poderem entrar, eles precisam desenvolver bodicita, por exemplo, entender o sofrimento dos seres, entender essas várias coisas. Eu acho que na cultura como nós estamos vivendo, as práticas preliminares na forma como elas vêm seja na cultura japonesa, ou na cultura chinesa ou na cultura tibetana, para os vários tipos de ensinamento, elas são insuficientes. Por que? Porque nós temos uma outra configuração. De lá pra cá surgiu a ciência, como nós conhecemos, surgiu a psicologia, surgiu cosmologia, química, física, física quântica, surgiu uma vastidão de conhecimentos que se mesclaram e se fundiram na nossa própria cultura. Se a gente não conseguir atravessar ou contemplar esses vários aspectos culturais na perspectiva do Dharma, ou minimamente na perspectiva do "é, não é e é", a gente não vai ter como alcançar com o Dharma as várias expressões que nós estamos trabalhando. É como se os nossos objetos hoje fossem diferentes dos objetos daquele tempo. Objetos mesmo, que a gente lida. Objetos mentais. Porque Alaya Vijnana segue se expandindo, então nesse período agora Alaya Vijnana tem uma expansão super rápida. Nós estamos gerando muitas categorias diferentes de objetos, em vários níveis, objetos grosseiros e objetos sutis.

Vocês já olhem a expansão da quantidade de filmes, a quantidade de músicas, a quantidade de expressão cultural em várias direções e expressões também de compreensão de mundo, muito diferentes. Então, precisaríamos, minimamente, encontrar um modo de penetrar isso. Pelo menos precisaríamos fazer com o código das Quatro Nobres Verdades, no mínimo que as duas ou três primeiras das Quatro Nobres Verdades se estabeleçam, que se estabeleçam claramente. Que a gente entenda o sofrimento dos seres, não importa qual cultura que eles estão, eles estão imersos em sofrimento, e como é que eles adquirem a feição. Esses aspectos, eu acho completamente cruciais para o estabelecimento da base a partir do qual os ensinamentos podem se estabelecer.

Então, nós estamos olhando isso. No programa de vinte e um itens isso entra desse modo, entra na parte que nós vamos chamar de preliminar. Mas não há ensinamento preliminar. Por exemplo, se na entrada da sala nós fazemos os votos de refúgio e Bodicita, nesse momento isso é o suficiente para atingir a iluminação completa, não falta nada. O que falta é que quando vamos fazer os votos de refúgio, a gente não consegue fazer. A parte grosseira a gente faz, a gente vai até o chão, encosta a cabeça e se levanta. Tá, tudo bem. Fora isso, se nós fizermos o conteúdo completo, nós dissolvemos a existência ilusória e passamos a operar com a mente do Buda, inseparável. E nós ainda damos uma risadinha, porque tudo aquilo que nós fizemos um dia também é expressão da natureza búdica, operando sob condições, aquilo evaporou e cessa como uma chama que se consome e cessa. Sendo que a natureza que gera a chama continua intacta, que somos nós. A natureza profunda é o Buda. Nós tomamos refúgio nisso, não tomamos refúgio no esforço de manter a chama viva. Nós mantemos aquilo que está naturalmente vivo, que é a natureza búdica. É simples, aí tá o ensinamento todo. Se a gente precisar de algum ensinamento, a gente usa a sílaba AH.

Sim, claro, pronto! Tá tudo resolvido. Só que não tá. Mas qual é a diferença entre estar e não estar? É o reconhecimento ou não. Aí eu vou usando mais palavras, e mais palavras, daqui a pouco estou com muuuitas palavras. Mas se eu não consigo colocar o significado real, profundo, dentro das palavras, também não adianta. É assim. Esse é o problema dos ensinamentos em todo o tempo. Então o mestre Dogen também usa isso. Ele vai

economizando as palavras, vai economizando, vai colocando-as de modo contraditório, de tal modo que nós não conseguimos passar por aquelas palavras sem realmente compreender aquilo. Se atravessarmos aquilo sem compreender, lemos um livro inteiro e aí? O que que tinha aí dentro? Não consegui entender nada! Não entendo nada! Mestre Dogen tem esse cuidado de não deixar a gente entender coisa alguma se não entendermos mesmo. Você não consegue passar a adiante. É muito maravilhoso isso. É como um livro de cálculo. A pessoa olha um livro de cálculo: que bonito, cheio de risquinho por todo lado. É desse tamanho, assim!! (Lama faz gesto que o livro tem muitas páginas). Os pés de página cheios de citações. Melhor ainda é ler aquilo de um autor russo em russo. Não faz muita diferença, ler em russo, em chinês, aquilo tudo é a mesma coisa. É assim, né? As coisas mais difíceis! Mas, cálculo integral diferencial é mais fácil do que o Dharma, mais fácil do que o Prajna Paramita. Porque cálculo integral diferencial, se tu seguir por uma linha, entender pedaço por pedaço do que eles estão explicando, aquilo é uma sentença que faz sentido. E faz um sentido único, que é inteligível.

O Dharma tem sentidos múltiplos, variados e sempre criativos. Você pode ir olhando e aquilo é amplo. Aí tu ter a sensação de colocar o pé no chão e conseguir olhar... muito difícil. Porque aquilo que nós consideramos "pé no chão" é um conjunto de conceitos estabelecidos. Só que no budismo, onde tu encontrar conceitos estabelecidos, já estão te roendo para te tirar dali. Porque o lugar onde nós vamos ficar é um lugar interno, que é não construído e sem conceitos. Ainda assim, por exemplo, estou falando o tempo todo aqui, estou falando conceitos o tempo todo. Mas usamos conceitos para poder andar em direção a um lugar sem conceitos. Essa é a estética da coisa. Então é super complexo. Aí quando a pessoa, por exemplo, entra com uma mente analítica nesse ambiente, ela começa a buscar rapidamente onde é que estão os pressupostos, onde que está a base. Aí aquela base começa a ser retirada, ela é apresentada e vai sendo retirada. Super difícil isso. Pra trabalhar com métodos comuns. É assim.

Então nós precisaríamos desenvolver uma capacidade de adaptar a nossa forma de pensar, entender esse processo, para poder penetrar e esses ensinamentos fazerem sentido. Esse processo pelo qual as coisas começam a fazer o sentido profundo é a contemplação. A gente precisa contemplar. Eu acho que toda essa parte que estamos olhando é completamente crucial. Só que nós estamos olhando rápido demais. Muito rápido. Nós precisaríamos contemplar. Tudo isso que estou falando é roteiro de contemplação. Isso não é contemplação, isso é um roteiro. É um roteiro onde eu produzo alguns exemplos, para aquilo ficar um pouco mais claro.

Mas se nós não pegarmos aquele roteiro, aquele item, tomar os exemplos e começar a encontrar outros que são a prática da própria visão; quando nós começamos a encontrar outros [exemplos] é porque adquirimos aquela visão, aí nós estabilizamos aquela visão, até o ponto de localizarmos de onde ela vem. E ela não pode vir de um conjunto de pressupostos, ela tem que vir de uma base não condicionada. Porque o conjunto de pressupostos são variáveis, enquanto que a base não condicionada está incessantemente presente. Então essa base, por ser não condicionada, não tem tempo dentro dela. Porque se tivesse um condicionamento teria uma evolução temporal. Mas não tem um condicionamento, não tem um conteúdo, portanto não tem um tempo, não tem uma decorrência. E é extraordinário nós percebermos que isso tem uma presença incessante, que nós teríamos que encontrar. Se não localizarmos esse ponto, aí estamos ainda numa etapa preliminar.

Esse texto da Iluminação da Sabedoria Primordial, Dudjom Rinpoche, Dudjom Lingpa, Guru Rinpoche, Gyatrul Rinpoche, ele é o ponto que clarifica. Ele nos aponta, o que ele diz: iluminação é clarificação, clarificação da sabedoria primordial. Nós estamos indo para essa direção. Esse ponto da sabedoria primordial é apontado aqui como uma coisa muito extraordinária. E é! Porque os mestres palmilharam isso e eles se espantaram. Essa é uma grande descoberta, que dentro desse lugar livre, sem condicionantes, tem um olho que vê. E esse olho vê o que? Ele não tá vendo o mundo externo, não é o olho que vê o mundo externo, ele é o olho que vê a própria ação da mente. Então, ele é o olho que se torna consciente de como a mente passa a construir as múltiplas experiências. E não só a mente humana, mas a mente dos seres todos, que enfim, é expressão dessa natureza primordial. Ele vai apontar a iluminação da sabedoria primordial. A sabedoria primordial surge como aquilo que produz as aparências e é consciente das aparências que ela produz. Esse é o ponto. Seria mais ou menos assim se a gente estivesse falando numa outra linguagem: como é que a pessoa descobre Deus em si? A pessoa descobre porque tem uma consciência lúcida, livre, dentro. Essa consciência não tem nome, ela nem mesmo humana é. Ela é uma clareza sobre ela mesma. E as expressões todas são as aparências que brotam dessa própria luminosidade. Nós vamos olhando esses aspectos muito profundos. Mas como é que é possível olhar isso? Isso é olhado por contemplação. A mente, como os mestres, o Buda descobriu, a mente é consciente dela mesma. Isso é, por exemplo, ciência em primeira pessoa. O Alan Wallace vai descrever desse modo, a gente usa ciência como investigação de outras coisas. Agora, quando eu olho para mim mesmo, como é que eu gero conhecimento sobre mim mesmo? Então, é ciência em primeira pessoa, ou seja, a pessoa descobre a si mesma. Quando a gente vai olhar, por exemplo, um psicólogo olhando as emoções, olhando as coisas, eles frequentemente vão trabalhar de modo estatístico, vão trabalhar por sintomas. Eles estão olhando de fora. Aqui nós estamos olhando as nossas emoções e os fenômenos internos. Esse processo que nos permite olhar isso é Rigpa, é a mente que é consciente dela mesma.

Guru Rinpoche, Dudjom Rinpoche, Dudjom Lingpa, eles vão apontar essa clareza nossa, essa clareza interna, como a sabedoria primordial. Se a gente quiser uma expressão curta disso, a gente olha os versos Prajna Paramita. Inconcebível. É super importante. Mas isso é uma estética completamente diferente, a gente não tá acostumado disso. Na nossa cultura não tem esse registro, por isso que não tem essas palavras também. Essas palavras não são traduzíveis, porque não pertencem à nossa cultura, é como se estivéssemos o tempo todo simplesmente operando a partir dos doze elos. Mas a gente nem entende que nós estamos operando pelos doze elos, parece que é a vida natural, apenas isso. Precisamos de um código para entender, pra ter uma linguagem pra poder acessar de algum modo e depois poder se livrar da linguagem.

Essa parte que nós vamos entrar agora, que é a Iluminação da Sabedoria Primordial, poderíamos dizer: bom, isso é a culminância, isso é correspondente ao oitavo passo do Nobre Caminho de Oito Passos. Porque ele vai trabalhar com a visão última da realidade e ele vai trabalhar com ação, fruição. Então, o último estágio é uma fruição natural da sabedoria última auto surgida; isso é o oitavo passo do Nobre Caminho. Nós estamos nisso. Agora, nós não conseguimos penetrar nisso sem ter olhado tudo que nós olhamos anteriormente. E se apenas sabemos o que olhamos através de um processo discursivo, é insuficiente. Mas aqui eu estou trazendo, especialmente, uma explicação de um caminho de meditação. Ou seja, como que nós podemos, então, ir praticando passo a passo.

A minha aspiração é que nós, entendendo isso mais ou menos, nós tenhamos também essa descrição da linha temática que está lá gravada na Ação Paramita. Ontem eu subi todos

os arquivos, acho que a Helen deve ter visto, a Helen sempre vê. Não preciso nem avisar para ela, ela vê que os arquivos subiram pro drive e ela já começa a arrumar aquilo, já vai colocando. Então, pode colocar lá, Helen. Eu não descrevi... Porque eu sempre pego o título e faço uma pequena descrição, do que que tem ali dentro. Mas se vai esperar por mim pra fazer essa pequena descrição, vai demorar. Mas eu tenho o cuidado, agora, de quando a pessoa começa a ouvir a trilha, ali bem no início eu digo o que que tem ali dentro. Então, junto com o título, a pessoa mais ou menos entende. Eu acho que a gente pode liberar isso, aí a linha temática desse próprio retiro já tá na nuvem.

A minha aspiração é que isso estimule as pessoas a fazerem a prática.

Nós vamos iniciar o texto de Dudjom Rinpoche, Iluminação da Sabedoria Primordial. Eu vou encerrar aqui, que é a parte introdutória do dia de hoje.